

# Êxodo branco em redes sociais? Como raça e classe moldaram o envolvimento de adolescentes estadunidenses com MySpace e Facebook

**Danah Boyd**

Pesquisadora da Microsoft e do Harvard  
Berkman Center for Internet & Society

## Resumo

Este artigo explora a divisão que surgiu entre MySpace e Facebook entre adolescentes estadunidenses durante o ano escolar de 2006-2007. Os dados e análise usados neste artigo derivam de quatro anos de trabalho de campo etnográfico, examinando o papel que as redes sociais possuem na vida cotidiana de adolescentes estadunidenses. De 2004 a 2009, eu entrevistei e observei adolescentes de diversas comunidades em 17 estados diferentes, passei 2.000 horas observando atividades online e analisei 10.000 perfis do MySpace escolhidos aleatoriamente.

**Palavras-chave:** redes sociais; raça; classe; adolescentes.

## Abstract

Este artigo explora a divisão que surgiu entre MySpace e Facebook entre adolescentes estadunidenses durante o ano escolar de 2006-2007. Os dados e análise usados neste artigo derivam de quatro anos de trabalho de campo etnográfico, examinando o papel que as redes sociais possuem na vida cotidiana de adolescentes estadunidenses. De 2004 a 2009, eu entrevistei e observei adolescentes de diversas comunidades em 17 estados diferentes, passei 2.000 horas observando atividades online e analisei 10.000 perfis do MySpace escolhidos aleatoriamente.

**Palavras-chave:** social media; race; class; teen.

**Nota da tradução (N.T.)**\_ O termo “white flight”, de acordo com o dicionário Collins, é a mudança residencial de pessoas brancas da cidade para os subúrbios ou de um subúrbio para o outro, a fim de escapar de membros de um certo grupo étnico, especialmente pessoas negras. O termo originou-se nos Estados Unidos, na metade do século 20.

**Texto publicado originalmente**\_ no livro *Race After the Internet* (organizado por Lisa Nakamura e Peter A. Chow-White) publicado pela editora Routledge, em forma de capítulo *White Flight in Networked Publics? How Race and Class Shaped American Teen Engagement with MySpace and Facebook*.

**Tradução**\_ Larissa Silva e revisão técnica de Juliana Doretto.

Em uma pequena cidade histórica perto de Boston, entrevistei um grupo de adolescentes em uma escola autônoma<sup>1</sup> que incluía estudantes de classe média em busca de uma alternativa à escola pública e estudantes mais pobres que enfrentavam dificuldades em escolas tradicionais. Lá, conheci Kat, uma garota branca de 14 anos, oriunda de uma realidade confortável. Nós estávamos conversando sobre o uso das redes sociais de seus colegas de classe quando eu perguntei a ela o porquê de a maioria de seus colegas estarem migrando do MySpace para o Facebook. Kat ficou visivelmente desconfortável. Ela começou apontando que “o MySpace é ultrapassado agora e é chato”. Mas depois ela fez uma pausa, olhou para mesa e continuou.

“Não é racista, mas acho que se pode dizer isso. Eu não curto racismo, mas eu acho que o MySpace agora é coisa do gueto, tipo assim.” – Kat

Naquele dia de primavera, em 2007, Kat me ajudou a finalmente entender um padrão que eu já havia notado durante aquele ano escolar. A preferência dos adolescentes pelo MySpace ou Facebook ia além, simplesmente, da escolha do usuário; refletia uma reprodução das categorias sociais que existem em escolas em toda parte dos Estados Unidos. Por conta de raça, etnia e status socioeconômico moldarem as categorias sociais (Eckert, 1989), a escolha entre MySpace e Facebook se tornou “racializada”. Isso foi intensificado a partir do momento em que os adolescentes escolheram a autosegregação por meio desses dois sites, assim como fazem nas escolas.

Depois de Kat me dizer que o MySpace era “coisa do gueto”, perguntei a ela se as pessoas em sua escola ainda utilizavam MySpace e, hesitante, ela disse que sim. O desconforto dela em discutir o assunto era evidente e ficou visível que ela não sabia como falar sobre raça ou sobre as divisões sociais que ela identificava em sua escola.

“As pessoas que usam o MySpace – de novo, sem racismo – mas elas são, geralmente, mais do gueto e de grupos de fãs de hip hop.” – Kat

<sup>1</sup> N.T.: O termo “charter school”, de acordo com o dicionário Cambridge, refere-se a uma escola que é mantida com dinheiro público, mas organizada por um grupo privado com um propósito especial e apenas admite estudantes que atendam aos seus padrões.

Ao tentar diferenciar aqueles que usam o MySpace dos que usam o Facebook, Kat usa uma combinação de referências de local e critérios de gosto que (ela sabe) possuem conotações raciais. Apesar de Kat não se identificar como racista, sua vida e condição social são moldadas pela raça. Sua pequena escola é dividida, com estudantes mais pobres e adolescentes negros em classes diferentes de estudantes brancos de meios privilegiados. A maioria dos amigos de Kat são brancos; suas aulas e atividades são preenchidas, principalmente, por alunos brancos.

O uso do termo “gueto” por Kat faz referência, simultaneamente, a questões de localização e conotações baseadas no gosto. Por um lado, o gueto é uma parte da cidade historicamente definida por raça e classe (Wacquant, 1997). No entanto, *ser* do gueto refere-se a um conjunto de preferências que surgiram assim que negros pobres criaram artefatos culturais e de moda para que pudessem expressar sua identidade com orgulho. Assim como os espaços físicos e os gostos são organizados e moldados em função de raça e classe, a mesma coisa acontece com os ambientes digitais.

Este artigo explora a divisão que surgiu entre MySpace e Facebook entre adolescentes estadunidenses durante o período escolar de 2006-2007. No começo do ano, uma questão frequente nas escolas norte-americanas era: “Você tem MySpace?”; até o fim do ano, a pergunta mudou para “MySpace ou Facebook?”. Com o crescimento do Facebook, alguns adolescentes mudaram do MySpace para o Facebook. Outros inscreveram-se no Facebook sem nunca entrar no MySpace. Mesmo assim, outros optaram pelas duas plataformas. Durante esse período, o MySpace não perdeu popularidade – adolescentes continuaram a se reunir no site, optando pelo seu uso em vez de aderir ao Facebook ou utilizando as duas plataformas. Para tornar as questões ainda mais complicadas, alguns adolescentes que inicialmente optaram pelo MySpace passaram a trocá-lo pelo Facebook.

Aos poucos, uma diferença surgiu. Aqueles que adotavam o MySpace eram de meios distintos, possuíam normas e valores diferentes dos daqueles que adotavam o Facebook. Brancos e mais ricos estavam

mais propensos a escolher o Facebook e mudar para ele. Mesmo antes da publicação dos dados estatísticos, a linguagem que os adolescentes usavam para descrever cada site e seus usuários revelaram como a divisão possuía aspectos ligados à raça e classe. Dadas essa situação e a noção de Kat do MySpace como “do gueto”, uma maneira de conceituar o desdobramento dessa divisão é pelo conceito de *white flight* (êxodo branco). Essencialmente, muitos dos mesmos fatores que guiaram o êxodo de habitantes de cidades predominante brancas para os subúrbios – incentivos e restrições institucionais, medo e ansiedade, vínculos sociais e racismo – também contribuíram para o fato de alguns adolescentes estarem mais propensos a se afastar do que outros.

O que diferencia a escolha pelo MySpace e Facebook entre os adolescentes estadunidenses não é propriamente sobre raça e classe, apesar de ambos os fatores estarem completamente envolvidos na história. A diferença pode ser vista por meio das lentes de gosto e estética, dois elementos carregados de valores que estão extremamente entrelaçados com raça e classe. Também pode ser observada por meio das estruturas das redes das amizades adolescentes, que, da mesma forma, estão conectadas à raça e classe. E pode ser vista por meio da linguagem que os adolescentes – e adultos – usam para descrever esses sites, linguagem como a Kat utilizava, que se baseia em tropos raciais para distinguir os sites e seus usuários. A noção de que o MySpace possa ser interpretado como um gueto digital apresenta uma oportunidade analítica para que seja possível explorar as diferenças entre MySpace e Facebook – e, especificamente, a mudança de alguns adolescentes do primeiro para o segundo – conforme a histórica tragédia urbana provocada pelo êxodo branco. Traçar paralelos entre esses dois acontecimentos esclarece como o envolvimento das pessoas com a tecnologia revela as diferenças sociais e a persistência do racismo.

Os dados e análise usados neste artigo derivam de quatro anos de trabalho de campo etnográfico, examinando o papel que as redes sociais possuem na vida cotidiana de adolescentes estadunidenses (boyd, 2008). De 2004 a 2009, eu entrevistei e observei adolescentes de diversas comunidades em 17 estados

diferentes, passei 2 mil horas observando atividades on-line e analisei 10 mil perfis do MySpace escolhidos aleatoriamente. As citações presentes nesse artigo derivam tanto de dados on-line como de um subconjunto de 103 entrevistas formais e semiestruturadas que conduzi. Também utilizei comentários on-line sobre o assunto, como os de blog e notícias. Meu argumento não é estatístico, apesar de Hargittai (2007) ter comprovado que uma divisão é concreta em dados estatísticos. Ao invés disso, ilustro como distinções na adoção de redes sociais e a percepção que adolescentes – e adultos – possuem sobre esses sites e seus usuários refletem narrativas mais amplas em relação à raça e classe na sociedade estadunidense.

## 1. A ADOÇÃO DE MYSPACE E FACEBOOK POR ADOLESCENTES

A primeira rede social não foi nem o MySpace ou o Facebook (boyd e Ellison, 2007), mas esses sites surgiram como as redes sociais mais populares dos Estados Unidos. O MySpace foi lançado em 2003, pouco tempo depois da preexistente Friendster, uma rede social popular para usuários de 20 a 30 anos, habitantes de grandes centros urbanos estadunidenses. Apesar da adoção de alguns adolescentes previamente, eles se tornaram mais visíveis no site em 2004. A maioria dos primeiros adolescentes no MySpace conheceram o site por um dos dois motivos: bandas ou pessoas mais velhas da família.

Adolescentes que conheceram o MySpace por meio de bandas seguiam, em especial, os dois gêneros mais populares do site na época: indie rock e hip-hop. O MySpace permitia que os adolescentes seguissem suas bandas favoritas e se conectassem com elas. Os primeiros usuários adolescentes que antes não eram tão ligados à música conheceram o site por meio de um irmão mais velho que admiravam ou um primo antenado na cultura noturna do momento. Para esses adolescentes, o MySpace era legal porque os mais velhos pensavam assim.

Os adolescentes começaram a incentivar seus amigos a se inscreverem no site. Em razão de sua popularidade entre músicos e socialites da cultura noturna, estar associado ao MySpace passou a ser

uma forma de capital (sub)cultural. Adolescentes, principalmente no cenário urbano, tendem a se espelhar nas atividades de grupos entre 20 e 30 anos para imitá-los. A popularidade do MySpace entre os jovens estava fortemente ligada à referência simbólica do site com maturidade, status e a liberdade adotada pela cultura noturna urbana. Enquanto os adolescentes, muitas vezes, veneram as práticas arriscadas de grupos um pouco mais velhos, muitos adultos se empenham em convencê-los a mudar de ideia. Ao propagar e glorificar atividades culturais e valores de pessoas de 20 e poucos anos do meio urbano, o MySpace conseguiu enlouquecer os pais rapidamente.

Com pouca cobertura da mídia antes de a News Corporation comprar a empresa, em meados de 2005, muitos adolescentes conheceram o site por indicação boca a boca: principalmente por amigos da escola, igreja, atividades em comum e acampamento de verão, assim como por membros mais velhos da família. Dado o seu início na região de Los Angeles, adolescentes da Costa Oeste encontraram o MySpace antes de adolescentes da Costa Leste, e jovens de regiões urbanas se inscreveram antes de adolescentes do subúrbio ou de áreas rurais. A cobertura midiática após a aquisição da empresa aumentou ainda mais o crescimento do site entre os adolescentes.

Logo após a News Corporation ter comprado o MySpace, a mídia passou a focar nas bandas. Mas depois de os adultos perceberem o quão popular o site era entre os adolescentes, a mídia ficou obcecada com a participação dos mais jovens e os perigos iminentes que eles enfrentavam (Marwick, 2008). Assim, a cobertura midiática era tanto uma benção como uma maldição para o MySpace. Por um lado, alguns adolescentes se inscreveram no site porque a mídia o vendia tanto como moda entre os jovens quanto como algo desprezado pelos pais. Por outro lado, outros adolescentes evitaram o site devido a possíveis riscos, e alguns pais passaram a condenar o site publicamente.

Ao mesmo tempo em que o MySpace atraía e assustava adolescentes estadunidenses, outras redes sociais começaram a ganhar popularidade com diferentes públicos. A maioria dos sites não chamava a

atenção dos adolescentes em massa, apesar de alguns grupos de jovens terem adotado diferentes sites. Em 2004, o Facebook foi lançado, focando em estudantes universitários. A princípio, o acesso ao Facebook era intencionalmente limitado. O site começou como uma rede social apenas para Harvard antes de sua expansão para atender todas as universidades da Ivy League<sup>2</sup>, depois, para faculdades de alto nível e, em seguida, para uma variedade mais ampla de faculdades. Por conta de seu histórico, algumas pessoas viram o Facebook como uma rede social da elite. A aura “intelectual” do site atraía alguns participantes em potencial enquanto distanciava outros.

A essência universitária do Facebook rapidamente atraiu os adolescentes que viam a faculdade, e o acesso ao site, como um rito de passagem. Eles tomaram conhecimento da rede por meio de membros mais velhos da família e amigos que já haviam se formado no ensino médio e seguiram para a faculdade. Antes do acesso facilmente disponível, adolescentes universitários começaram a cobiçar a entrada no site. Para muitos, acessar o mundo social da faculdade se tornou um indicador de status e maturidade. Mesmo aqueles que tinham contas no MySpace apreciaram a oportunidade de ganhar acesso a uma rede de universitários como um rito de passagem.

Em setembro de 2005, o Facebook começou, aos poucos, a conexão com escolas de ensino médio. Ao mesmo tempo que isso permitiu o acesso de alguns adolescentes, os processos para que os jovens entrassem e fossem confirmados na rede eram trabalhosos, criando uma barreira à entrada de muitos usuários em potencial. Aqueles que conseguiram entrar eram, geralmente, de escolas de elite, onde o processo de confirmação era mais solidificado e muito incentivado – principalmente porque eles queriam se comunicar com amigos próximos na faculdade.

O Facebook finalmente abriu o acesso para todos em setembro de 2006. Instigando uma onda de inscrições de adolescentes, esse é o ponto de origem da autosseleção no MySpace e Facebook. A primeira parcela de jovens que se juntaram ao Facebook era

2\_ Grupo formado por oito universidades prestigiadas dos Estados Unidos: Brown, Columbia, Cornell, Dartmouth, Harvard, Princeton, Universidade da Pensilvânia e Yale.

bem diferente dos primeiros inscritos do MySpace. Mesmo assim, em ambos os casos, os usuários mais antigos moldaram o envolvimento dos usuários adolescentes mais recentes, seja influenciando sua inscrição, seja definindo as regras. Conforme os adolescentes participavam, eles passaram a definir suas próprias regras, decorrentes das estabelecidas pelas pessoas que já conheciam no site.

Enquanto muitos adolescentes optaram por adotar ambos os sites, comecei a notar que os jovens que escolhiam um ou outro pareciam oriundos de diferentes origens. Adolescentes que se identificavam com subculturas, frequentemente, se aproximavam do MySpace, enquanto adolescentes ligados ao que era popular se identificavam com o Facebook. Jovens de origens menos privilegiadas preferiam o MySpace, ao passo que aqueles dirigidos para universidades de elite optavam pelo Facebook. Diferenças raciais e étnicas pareciam mais confusas, extremamente ligadas a fatores socioeconômicos, mas eu observei que adolescentes negros e latinos aparentavam uma preferência pelo MySpace, enquanto adolescentes brancos e asiáticos pareciam preferir o Facebook.

Ao observar esses padrões em diversas comunidades nos Estados Unidos, fiquei em dúvida se deveria generalizar esses critérios. Com certeza existiam exceções em relação a esses padrões – mesmo assim, senti que eles eram significativos. Isso me convenceu a escrever um artigo em meu blog, onde mapeei o que observei (boyd, 2007a). Graças à cobertura da BBC e de vários outros blogueiros populares, meu artigo foi um viral, estimulando debates, indignação e controvérsia. Assim como estimulou pesquisadores, que avistavam os mesmos padrões, a me procurar para dividir suas descobertas ainda não divulgadas.

Analistas de duas empresas de pesquisa em marketing não identificadas entraram em contato comigo para dizer que eles observaram padrões similares com jovens em um nível nacional, porém, estavam impossibilitados de discutir publicamente ou divulgar o que descobriram – mas estudiosos e blogueiros estavam dispostos a dividir suas descobertas. Em um estudo paralelo, Eszter Hargittai (2007) descobriu que a educação dos pais, assim como raça e etnia, eram indicadores significativos na escolha de redes sociais, ao

analisar dados de pesquisa coletados numa classe de calouros em uma faculdade diversificada na região Centro-Oeste. Estudantes brancos e asiáticos, assim como aqueles cujos pais possuíam níveis superiores de educação, eram super-representados no Facebook; enquanto estudantes hispânicos e aqueles cujos pais não concluíram o ensino médio estavam mais propensos a adotar o MySpace. Universitários negros não eram mais inclinados a utilizar o Facebook ou o MySpace. Na medida em que as descobertas de Hargittai com universitários calouros refletiam uma tendência similar às minhas observações com adolescentes no ensino médio, é importante notar que a participação universitária em si é moldada por desigualdades raciais e socioeconômicas e que o Facebook era, inicialmente, uma ferramenta para estudantes universitários. Portanto, o Facebook pode muito bem ser super-representado nos dados de Hargittai – e jovens da mesma faixa etária, mas que não frequentam faculdade, podem ter preferências diferentes. Com uma abordagem diferente, o blogueiro Chuck Lam (2007a; 2007b) examinou os hábitos nas redes sociais de estudantes de 15 escolas em São Francisco com base na classificação do GreatSchools<sup>3</sup>, revelando que estudantes de escolas com melhor desempenho no ranking eram mais ativos no Facebook, enquanto aqueles de escolas com desempenho inferior eram mais ativos no MySpace.

Dois anos depois, a Nielsen Claritas, empresa de pesquisa em marketing, relatou que indivíduos mais ricos eram 25% mais propensos a usar o Facebook, enquanto indivíduos menos privilegiados eram 37% mais propensos a escolher o MySpace (Hare, 2009). No mesmo ano, S. Craig Watkins (2009) publicou seus dados qualitativos e de pesquisa quantitativa com estudantes universitários, revelando uma diferença racial e étnica em relação à preferência, assim como atitudes antiMySpace de universitários usuários do Facebook, tal como os estudantes do ensino médio. Embora não haja dados estatísticos longitudinais definitivos acompanhando a divisão entre adolescentes, esses estudos oferecem um plano de fundo valioso para a percepção que os adolescentes possuem sobre os sites e seus usuários.

3\_GreatSchools é uma organização sem fins lucrativos nos Estados Unidos que oferece informações escolares e educacionais. O site conta com classificações de escolas baseadas em resultados de testes, comparações etc.

## 2. A ORGANIZAÇÃO DA AMIZADE ADOLESCENTE

Existe um velho ditado que diz “diga-me com quem andas e eu te direi quem és”. Redes pessoais tendem a ser homogêneas, já que as pessoas preferem fazer amizade com pessoas parecidas consigo mesmas. Sociólogos referem a essa tendência de se conectar com indivíduos similares como “homofilia”. Estudos estabeleceram a homofilia em sexo e gênero, idade, religião, nível de educação, ocupação e classe social, mas em parte alguma a homofilia é mais evidente nos Estados Unidos do que no decorrer de linhagens raciais e étnicas (McPherson; Smith-Lovin; Cook, 2001). Os motivos por trás da prática da homofilia e suas resultantes diferenças sociais são complexos, fincados em uma história de desigualdade, intolerância e opressão, derivados da complexidade da economia política e restrições estruturais da vida nos Estados Unidos.

Os jovens geralmente se segregam por raça, até mesmo em escolas diversificadas (Moody, 2001; Thorne, 2008). Embora seja fácil lamentar a segregação racial nas amizades, existem benefícios sociais e psicológicos para grupos raciais e étnicos. Tatum (1997) argumenta que a autosegregação é uma resposta lógica aos custos sistematizados do racismo; conectar-se por meio de linhagens de raça e etnia pode ajudar os jovens a sentirem uma sensação de pertencimento, favorecendo o desenvolvimento de uma identidade, e ajudando-os a percorrer o racismo sistemático. Ainda assim, como Bonilla-Silva (2003) esclareceu, a disposição das pessoas em aceitar e até mesmo esperar a autosegregação pode contar com raízes problemáticas e contribuir com a continuidade da desigualdade racial.

Quando perguntei aos adolescentes o porquê de a raça definir suas amizades, eles, geralmente, encolhiam os ombros e me diziam que apenas acontece assim. Como Traviesa, 15 anos, hispânica e de Los Angeles, explicou:

“Se chegar a esse ponto, nós temos, supostamente, que permanecer com nossas próprias raças. [...] Esse é o código subentendido do ensino médio hoje em dia.” – Traviesa

Raça não era uma questão apenas nas grandes comunidades metropolitanas. Heather, 16 anos, branca e de Iowa, me contou que não existia segregação em sua escola, mas passou a marcar as pessoas por raça, enfatizando que “*os alunos negros são muito encrunqueiros*”. Essa mensagem contraditória – recusar-se a falar sobre raça explicitamente enquanto usa termos raciais na conversa – era comum em minhas entrevistas, assim como nas de outros estudiosos (Pollock, 2005). Embora não exista uma segregação formal na escola de Heather, como a segregação residencial de fato que permanece presente em diversas cidades estadunidenses, os adolescentes negros na escola predominantemente branca dela foram confinados juntos socialmente e são alvo de estereótipos de adolescentes brancos.

Outra maneira de analisar as amizades entre adolescentes é por meio das categorias sociais e rótulos de grupos. Muitos dos adolescentes que entrevistei tinham um termo para definir os excluídos (ex: “*góticos*”, “*nerds*”, “*sujos*” etc.) e para identificar grupos de colegas por atividades compartilhadas (ex: *pessoal da banda*, *pessoal de artes*, *líderes de torcida* etc.). Normalmente, os rótulos são acompanhados por um conjunto de estereótipos. Por exemplo, Heather explicou:

“Tem as bonitinhas, que são as garotas que se bronzeiam o tempo todo. Elas usam muita maquiagem, saias curtas, camisetas reveladoras, esse tipo de coisa. E tem os garotos que são meio assim também, muito burros inclusive.” – Heather

As subculturas juvenis podem ser encaradas como uma extensão das categorias sociais; o que as diferencia, geralmente, diz respeito à identificação. Enquanto os adolescentes costumam se identificar com subculturas em particular, categorias sociais são, frequentemente, sinalizadas pelos outros.

Categorias sociais servem para marcar grupos e indivíduos de acordo com as identidades que compartilham. Em seu importante texto sobre o assunto, Penelope Eckert (1989) evidenciou que a adesão em grupos sociais não é aleatória. Categorias sociais se desenvolvem de uma maneira que reproduz distinções sociais. Enquanto Eckert foca sua análise em

distinções de classe incorporadas nos rótulos “*atletas*” e “*maconheiros*”, outras obras a respeito de crianças e jovens em escolas também revelam que diferenças raciais nesses espaços são igualmente marcadas por meio de rótulos e categorias sociais (Thorne, 2008). Ao contrário de classe, raça e etnia são, normalmente, evidenciadas – embora ofuscadas – nos rótulos que os jovens usam. Em meu trabalho de campo, notei que grupos racialmente dominantes, visivelmente, não eram caracterizados, mas rótulos como “*os negros*”, “*os chineses*”, “*os latinos*”, “*os mexicanos*”, “*os brancos*”, e assim por diante, eram regularmente utilizados para definir grupos sociais. Em outros casos, e em parte porque eles sabiam que categorias assim poderiam ser entendidas como racistas, os adolescentes usavam substitutos, que, de um modo mais implícito, marcavam diferenças baseadas em raça e classe. Por exemplo, “*urbano*” significava “*negro*” ao se referirem a um conjunto de gostos e ações. Da mesma forma, alguns rótulos que os adolescentes usam possuem insinuações raciais como “*sujos*”, “*gângsteres*” e “*terroristas*”. Embora nem todos os “*sujos*” sejam brancos, nem todos os “*gângsteres*” sejam negros e nem todos os “*terroristas*” sejam descendentes de indivíduos do Oriente Médio, os termos estão fortemente vinculados nas mentes dos adolescentes. Raça e classe são geralmente ofuscadas, especialmente em situações em que a lógica da estratificação pode não ser compreendida por adolescentes, mas aparece visivelmente por meio da cor da pele.

Assim como a literatura sobre a juventude em contextos educacionais já revelou (Thorne, 1993; Eckert, 1989; Perry, 2002), categorias sociais e rótulos baseados em raça são, também, usados para marcar territórios físicos no refeitório e além. Normalmente, isso acaba virando um jeito que os jovens encontram para se segregarem. Keke, uma garota negra de 16 de anos em Los Angeles, descreveu em detalhes onde os estudantes em sua escola racialmente diversa se reúnem fisicamente para o almoço e entre aulas:

“**Os corredores estão cheios de indianos e do pessoal descendente do Oriente Médio. Eles ficam nos corredores e perto das salas de aula. Os latinos formam uma fila desse lado. Os negros ficam no refeitório e na quadra. [...] E os excluídos, tipo os latinos chatos ou os indianos chatos, os brancos chatos, se espalham.**” – Keke

Cada grupo racial e étnico tem um lugar de reunião, mas apenas um tinha nome: “*Disneylândia*” é uma área no pátio onde “*os brancos*” se reuniam. Embora Keke provavelmente não saiba que a Disneylândia é, como afirma Avila (2004, p. 3), “o exemplo arquetípico de uma ordem suburbana pós-guerra”, a ideia de que estudantes de uma escola da região urbana de Los Angeles rotulem o território em que as pessoas brancas se reúnem referenciando o parque temático suburbano de Orange County, conhecido por suas caricaturas étnicas e raciais, é, no entanto, pungente.

Como o pátio da escola, ambientes on-line são, normalmente, organizados por identidade e categorias sociais. Em alguns casos, isso é explícito. Redes sociais como Black Planet, Asian Avenue e MiGente<sup>4</sup> evidentemente sinalizam seu público com base em raça e etnia. Muitos dos que participam nessas comunidades lutam com o que significa estar em um espaço público controlado pela raça, que limites devem existir, como lidar com o racismo e outros diálogos estimulados por raça e etnia (Byrne, 2008). Apesar de nem o MySpace nem o Facebook serem visivelmente definidos em termos de raça, ambos também são organizados por raça. A maioria dos usuários se segrega ao conectar-se com suas relações preexistentes sem realmente notar as divisões sociais que vêm em seguida. Ainda assim, quando os adolescentes são questionados sobre quem partilha tal lugar, aparecem os termos raciais.

## 3. OS EFEITOS DE REDE COM A ADOÇÃO DO MYSPACE E FACEBOOK

Como refeitórios de escola e shoppings, redes sociais são um outro espaço em que a juventude se reúne para socializar com os colegas (boyd, 2007b). Adolescentes ingressam nesses sites para estarem com seus amigos. Dadas as divisões sociais tanto em padrões de amizade quanto em espaços sociais, não surpreende o fato de que comunidades on-line reflitam as divisões sociais existentes no dia a dia. Ainda assim, ao contrário de gêneros anteriores, em que adolescentes usavam ferramentas similares coletiva-

4\_ Black Planet, Asian Avenue e MiGente referem-se, respectivamente, a redes direcionadas a negros, asiáticos e latinos.

mente, mas segmentavam suas interações, seu envolvimento com as redes sociais dividiu-se em dois sites – MySpace e Facebook.

Adolescentes citam uma variedade de explicações para justificar por que escolhem o MySpace ou o Facebook. Alguns argumentaram que era uma questão de preferência pessoal, que tinha a ver com atributos e funcionalidade. Por exemplo, Jordan, 15 anos, de Austin, birracial de descendência mexicana e branca, prefere o Facebook porque o site permite fotos ilimitadas.

Por outro lado, Anindita, 17 anos, de Los Angeles e descendência indiana-americana, valoriza os atributos criativos do MySpace:

“O Facebook é mais fácil que o MySpace, mas o MySpace é mais complexo... Você pode adicionar música, criar planos de fundos e layouts, e o Facebook é simplesmente branco, e só.” – Anindita

26 Os adolescentes também falaram sobre suas percepções dos dois sites em relação a valores e objetivos. Cachi, uma garota porto-riquense de 18 anos, de Iowa, usa MySpace e Facebook, mas ela os enxerga de maneiras diferentes:

“O Facebook é menos competitivo que o MySpace. Lá não existe o Top 8 tal coisa ou nada desse tipo, ou o lance do plano de fundo.” – Cachi

A segurança – ou melhor, a percepção de segurança – também surgiu como um fator principal na preferência dos adolescentes. Embora eles acreditassem que o Facebook fosse mais seguro, tiveram dificuldade em explicar por quê. Tara, 16 anos, de ascendência vietnamita-americana, do Michigan, disse:

“[O Facebook] parecia mais seguro, mas eu não sei o que o faria mais seguro, tipo, o ponto principal. Mas, sei lá, parece que tudo o que as pessoas dizem parece mais seguro.” – Tara

O medo dos adolescentes em relação ao MySpace parecer “arriscado” é resultado, sem dúvida, da imagem apresentada pela mídia, mas também sugere um medo do “outro”. Sem dúvida, o motivo mais relevante que os adolescentes deram para a escolha

entre um ou outro foi a presença de seus amigos. Eles escolhem as redes sociais que seus amigos utilizam. Kevin, 15 anos, branco e de Seattle, explica:

“Eu não curto o Facebook; sou mais do tipo MySpace. Eu tenho Facebook e alguns amigos por lá, mas a maioria deles não checa o site com frequência; então, eu não checo sempre.” – Kevin

Quando os adolescentes decidem optar pelos dois, o que diferencia um do outro, geralmente, reflete segmentos diferentes de suas redes sociais. Por exemplo, Red, 17 anos, branca e de Iowa, tem um perfil nos dois sites, mas

“[...] a única razão pela qual eu ainda tenho um MySpace é porque meu irmão está lá.” – Red

Até mesmo adolescentes que preferem os atributos e a funcionalidade de um site usam o outro quando é lá que seus amigos estão. Connor, 17 anos, branco e de Atlanta, diz que ele, particularmente, prefere o MySpace porque “*tem muita coisa acontecendo*” no Facebook.

“É tipo me abrace, me cutuque... o que significa isso, afinal?” – Connor

Ainda assim, Connor entra mais no Facebook do que no MySpace “*porque todo mundo está no Facebook*”.

A adoção de redes sociais tomou a forma de uma epidemia social, se espalhando por meio de redes de pares preexistentes. Para alguns adolescentes, a presença de apenas um amigo era o incentivo necessário para participar; outros ingressavam apenas quando muitos de seus amigos estavam presentes. Uma vez envolvidos, eles encorajavam outros amigos a participar. MySpace e Facebook possuem efeitos de rede: são mais valiosos quando mais amigos participam. Alguns adolescentes foram além ao criar perfis para seus amigos resistentes, a fim de impulsionar o processo (boyd, 2008). Com a propagação da mensagem de cada site, a adoção saltou de grupo social a grupo social por meio de redes preexistentes para adolescentes. Ao escolher irem ao local em que seus amigos estavam, eles começaram a autosegregação junto às mesmas linhagens que amplamente moldam suas

relações sociais: raça e etnia, status socioeconômico, objetivos de educação, estilo de vida, afiliação sub-cultural, categorias sociais etc.

#### 4. GOSTOS, ESTÉTICAS E STATUS SOCIAL

Para muitos adolescentes, o envolvimento com MySpace ou Facebook é visto como uma necessidade social. Qual site é mais “legal” depende do grupo de cada um. Milo, 15 anos, egípcio e de Los Angeles, ingressou no MySpace porque era “a moda” em seu grupo de pares, mas uma garota da mesma escola, Seong, 17 anos, coreana, me contou que o Facebook era o site preferido entre seus amigos.

O que é socialmente aceitável e desejável difere entre os grupos sociais. Os valores e normas de alguém estão fortemente ligados à sua identidade como membro. Quando indivíduos da classe trabalhadora evitam as normas da classe média em preferência pelas normas e expectativas de sua comunidade, eles reproduzem a classe social (Willis, 1981; Gaines, 1998). A ideia de que os indivíduos da classe trabalhadora devem adotar as normas da classe média é, fundamentalmente, uma convicção da classe média; para muitos trabalhadores, a comunidade e seu apoio superam uma mobilidade ascendente em potencial. Normas também diferem entre grupos raciais e étnicos e são reforçadas conforme pessoas não brancas buscam identificação com suas origens raciais e étnicas (Tatum, 1997).

Embora o que é considerado legal possa divergir por grupo, há uma natureza de modismo nesse processo. Seong preferia o Facebook porque ele era “*exclusivo*”. Ela mudou do Xanga para o MySpace e para o Facebook com a ascensão de cada novo site, preferindo adotar o que era novo em vez de continuar em um site que ficava cada vez mais popular. Por outro lado, Summer, 15 anos, branca e do Michigan, rejeitou a ideia de mudar para o Facebook só porque era uma novidade. Ela preferiu estar junto com seus colegas, mas notou que “*o pessoal da aula de design*” em sua escola ingressou no Facebook porque eles sentiram que precisavam ser parte da “*moda do momento*”. Sendo assim, o capital subcultural influenciou a adoção prévia do Facebook; era apreciado por

alguns simplesmente por ser uma novidade.

A construção do “legal” é, fundamentalmente, sobre status social entre os jovens (Milner, 2004). Os adolescentes ao mesmo tempo distinguem-se por meio de hábitos de consumo, moda e atitudes, e avaliam os outros por meio desses indicadores (Shankar, 2008; Hebdige, 1979). Mesmo assim, gostos, atitudes ou hábitos de consumo cultural não são escolhidos aleatoriamente. Raça e classe moldam os hábitos, e agendas sociais em torno de raça e classe os guiam da mesma forma (Crane, 2000). Gostos também servem como um mecanismo e indicador de distinção, e os gostos das pessoas estão enraizados em distinções de classe (Bourdieu, 1984).

Enquanto Bourdieu e Hebdige pontuam que os indivíduos de posições sociais inferiores definem seus gostos em oposição às estruturas hegemônicas, o que constitui o “legal” também está localizado, diferindo entre categorias sociais, geografia e grupos. Os hábitos de consumo e moda que indicam um status superior para alguns grupos podem ser irrelevantes em outro lugar. Por isso, os adolescentes percorrem, geralmente, o que Sarah Thornton (1995) chama de “capital subcultural”, até mesmo quando eles não se identificam subculturalmente. Indicadores de status podem ser definidos por local e estão mais ligados ao acesso à informação ou meios de comunicação do que com o consumo de bens físicos. Além disso, discussões e conexões com aqueles que possuem acesso a objetos de consumo valorizados podem ser valiosas em si, resultando no que Shankar (2008) chama de “metaconsumo”. On-line, os indicadores de status tomam uma nova forma, mas de uma maneira que remete aos hábitos off-line. Por exemplo, a articulação pública de contatos nas redes sociais é uma maneira de visivelmente sinalizar-se em relação aos outros e seus status (Donath; boyd, 2004).

Em um ambiente em que perfis servem como “corpos digitais” (boyd, 2008), a personalização do perfil pode ser vista como uma forma de moda digital. Os perfis de adolescentes no Facebook e MySpace refletem seus gostos, identidades e valores (Donath, 2007). Com o uso de imagens e autoexpressões textuais, os adolescentes tornam raça, classe e outros indicadores de identidade visíveis. Como Nakamura

(2008) pontuou, mesmo nos ambientes on-line mais restritos, os participantes usarão o que está disponível a eles para revelar informações de identidade – de uma maneira que torne raça e outros elementos de identidade visíveis.

Ao descrever o que era desejável nos sites específicos, os adolescentes com frequência citavam a estética e a personalização do perfil. A estética dos jovens moldou suas atitudes a respeito de cada site. Essencialmente, o “brilho” produzido por aqueles que “estilizavam” seus MySpaces é um fator apreciado por algumas pessoas, enquanto outras veem isso como “exagerado”, “brega” e “bagunçado”. Embora os fãs do Facebook amassem o minimalismo estético do site, outros viam o tom como “chato”, “sem graça” e “elitista”. Catalina, 15 anos, branca e de Austin, me disse que o Facebook é melhor porque

“O Facebook parece mais limpo para mim.”  
– Catalina

28 O que Catalina vê como limpeza, Anindita, 17 anos, indiana-americana e de Los Angeles, rotula como simplicidade; ela reconhece o valor disso, mas prefere o lado “cintilante” do MySpace porque isso permite que ela possa se expressar. As vastas opções para a autoexpressão são, precisamente, o que incomoda alguns adolescentes. Craig Pelletier, 17 anos, da Califórnia, reclamou que

“Essas ferramentas deram ao pessoal do MySpace a liberdade para incomodar do jeito que quisessem. O Facebook era bom porque impedia essa chatice, limitando a individualidade. A página de todo mundo parece basicamente a mesma, mas você ainda conseguia olhar as fotos um do outro. O pessoal do MySpace se sentiu aprisionado e se reprimiu porque eles não eram capazes de tornar suas páginas únicas.” – Craig

Craig acredita que o desejo de personalizar contribuiu para a divisão de seus colegas entre MySpace e Facebook.

Ao escolher como se expressar, os adolescentes precisam considerar o que desejam divulgar. Eles são guiados a estilos que mostram suas identidades e grupos sociais. Por culpa de uma falha técnica, o MySpace permitia que os usuários moldassem

radicalmente o estilo e concepção de seus perfis, enquanto o Facebook forçava um minimalismo rigoroso. Na medida em que cada site apoia a personalização do perfil de modos diferentes, identidade e apresentação pessoal são afetadas. Embora alguns se sentissem atraídos à habilidade de moldar radicalmente seus perfis como quisessem, outros preferiam uma limpeza forçada.

Os adolescentes que optavam pelo MySpace lamentaram as oportunidades limitadas de autoexpressão criativa no Facebook, mas aqueles que optavam pelo Facebook desprezavam o estilo de perfis no MySpace. Os usuários do Facebook, além de não acharem os perfis do MySpace atraentes, argumentavam que os estilos produzidos por usuários do MySpace eram completamente feios. Embora o minimalismo do Facebook não seja propriamente melhor, contenção consciente tem sido um indicador da moda burguesa (Arnold, 2001). Pelo contrário, o estilo chamativo, popular no MySpace, é muitas vezes relacionado a uma tendência de ostentação, um estilo de consumo especial que é associado com a cultura negra urbana e do hip-hop. Para alguns, perfis chamativos e ofuscantes são bonitos e criativos; para outros, esses estilos são espalhafatosos. Embora a preferência por um estilo não seja, inerentemente, sobre raça e classe, esses estilos específicos citados possuem insinuações raciais e socioeconômicas. Basicamente, embora os adolescentes estejam falando sobre estilo, eles estão percorrendo plenamente por raça e classe.

O gosto também é praticado por meio de perfis; uma análise sobre as “declarações de gosto” no MySpace associada com a rede de amigos revela que as diferenças são visíveis lá (Liu, 2007). A importância da música para o MySpace tornou-a um evidente vetor da cultura do gosto. Os jovens listavam seus gostos musicais em seus perfis e colocavam músicas em suas páginas. Embora muitos gêneros musicais estivessem presentes no MySpace, o hip-hop destacou-se, tanto por sua importância entre os jovens quanto por sua conotação racial. Apesar de adolescentes de várias raças e etnias ouvirem hip-hop, o gênero é, normalmente, visto como um tipo que vem da cultura negra em cenários urbanos. Narrativas

sobre o gueto e a vida negra dominam as letras do hip-hop e o gênero também exerce papel como fonte de orgulho e autenticidade em comunidades que estão lutando por agência<sup>5</sup> na sociedade estadunidense (Forman, 2002). Para alguns, participar da cultura desse gosto é um símbolo de orgulho; para outros, o gênero e as atitudes que o acompanham são vistas como ofensivas. Apesar de o MySpace nunca ter sido sobre hip-hop, sua mera presença tornou-se uma maneira para os depreciadores caracterizarem o site.

Gostos e estéticas não são universais, mas estão profundamente conectados com identidade e valores. A escolha de certos sinais culturais ou fatores estéticos atrai alguns enquanto afasta outros. Geralmente, essas diferenças de gosto são moldadas por classe e raça e, assim, a escolha de definir o Facebook e o MySpace por meio de gosto e estética reflete raça e classe.

## 5. UM ÊXODO NA REDE

Depois que postei em meu blog o artigo controverso sobre a diferença entre MySpace e Facebook, adolescentes começaram a me procurar com suas próprias histórias. Anastasia, 17 anos, de Nova Iorque, me mandou um e-mail explicando que não era apenas uma questão de escolha entre os dois sites; muitos de seus colegas haviam mudado do MySpace para o Facebook. Até agora, foquei na escolha que os adolescentes tomam ao adotar o MySpace ou Facebook. Mas a Anastasia está certa: existe, também, uma mudança conforme eles decidem deixar uma rede social e optam por outra. Em geral, adolescentes não deixaram o Facebook e foram para o MySpace. Ao contrário, uma parcela de adolescentes deixou o MySpace pelo Facebook. Isso pode ser parcialmente justificado como uma questão de moda, com os jovens saindo do MySpace para conhecer o “novo”. Mas, mesmo se apenas isso pudesse explicar a transição, não esclarece porque alguns adolescentes estavam mais propensos a mudar do que outros. Anastasia argumenta que, pelo menos em sua escola,

5\_ O conceito de agência, nesse caso, refere-se à capacidade de cada indivíduo em agir de acordo com sua vontade e escolhas, ultrapassando limites sociais e econômicos, por exemplo.

quem se envolveu pode ser compreendido em termos de categorias sociais:

“Minha escola é dividida entre os ‘jovens de honra’ (acho que isso é autoexplicativo), os ‘bons jovens sem-muitas-honras’, ‘wangsteres’ (eles fingem que são durões e negros, mas quando você vive em um subúrbio em Westchester você não pode achar que é da ‘quebrada’), os ‘latinos/hispânicos’ (eles costumam se unir mesmo podendo fazer parte de qualquer outro grupo) e o ‘pessoal emo’ (as vidas deles são seeempre repletas de sofrimento). Todos nós estávamos no MySpace com nossas redes sociais singelas, mas, quando o Facebook abriu as portas para os estudantes de ensino médio, adivinha quem foram os primeiros a mudar e quem ficou para trás... Os dois primeiros grupos foram os primeiros e depois os ‘wangsteres’ se dividiram: metade no Facebook e o resto no MySpace... Eu mudei com o resto da minha escola para o Facebook, e ele se tornou o lugar onde os ‘jovens de honra’ se reuniam e discutiam como eles estavam procrastinando enquanto deveriam escrever a próxima redação para a aula de Inglês.” – Anastasia

29 As categorias sociais citadas por Anastasia refletem diferenças raciais, étnicas e de classe em sua escola. A descrição dela esclarece como as diferenças estruturais em sua escola definem o que acontece no MySpace e Facebook. A mudança do MySpace para o Facebook aumenta ainda mais as diferenças já existentes. Na Califórnia, Craig, de 17 anos, escreveu sobre o movimento em sua escola, usando uma linguagem de gosto, classe e hierarquia.

“O pessoal de castas superiores do ensino médio mudou para o Facebook. Era mais culto, menos brega. Já o pessoal de classe baixa estava satisfeito com o MySpace. Qualquer estudante que tenha um Facebook vai lhe dizer que os usuários do MySpace são mais propensos a serem mal instruídos e desagradáveis. Tipo como o Peet<sup>6</sup> é um lugar mais requintado do que a Starbucks, e jazz é mais culto que pop chiclete, e como os Macs são mais requintados que os PCs, o Facebook tem mais prestígio que o MySpace.” – Craig

Em sua descrição, Craig distingue entre o que ele enxerga como gostos culturais intelectuais e incultos, usando padrões de consumo para diferenciar classes de pessoas, e as descreve em termos hierárquicos. Ao usar o termo “casta”, Craig usa uma metáfora mul-

6\_ Rede de café norte-americana, presente sobretudo na Califórnia.

30 ticultural com conotações raciais e étnicas que vai contra a suposta mobilidade social disponível na sociedade estadunidense. Ao fazer isso, ele está situando seus pares em categorias permanentes e vinculando gostos a eles. Embora Craig possa não ter tido a intenção de insinuar isso, sua escolha do termo “casta” é, no entanto, interessante.

Esses dois relatos oferecem compreensão em relação a quem saiu, mas não explica o porquê. Para entender o motivo, devemos começar considerando como a posição cultural do MySpace mudou durante esse período. A seguir, um retrato descritivo de uma série de eventos relevantes que contribuíram para a saída dos adolescentes. Trata-se de um relato muito simples baseado em minhas anotações durante aquele período.

O MySpace foi, um dia, um centro cultural para a cultura juvenil. Ao se tornar cada vez mais popular, um pânico moral surgiu em relação aos riscos potenciais de predadores sexuais (Marwick, 2008). Apesar do exagero quanto aos perigos (Shrock; boyd, 2009), o medo se espalhou. Pais envolvidos – geralmente de comunidades mais instruídas e ricas – começaram a examinar a situação de perto e não gostaram do que viram. Embora minha análise de perfis no MySpace tenha revelado que os adolescentes mais referenciavam Deus, Jesus, frases bíblicas e outros símbolos religiosos do que postavam autorretratos provocativos, os pais frequentemente concluíam que o segundo cenário dominava o MySpace, e isso os perturbava. Além disso, esses pais estavam espantados com as ações das pessoas de 20 e poucos anos do meio urbano, principalmente daqueles com cenários culturais diferentes que aparentavam ter códigos morais diferentes. A mídia ajudou a produzir um pânico tecnológico, muitas vezes incentivado pelo medo dos adultos de símbolos negros urbanos, como a ostentação e o hip-hop.

Apesar de a maioria dos adolescentes estarem, principalmente, socializando com seus colegas, alguns pais temeram que a presença do diferente, a exposição em potencial a eles e prováveis comportamentos depravados pudessem corromper seus filhos. Em resumo, eles não viam o MySpace como um lugar seguro e não queriam seus filhos conversando com

31 pessoas que eles não aprovariam de jeito nenhum. O medo levou alguns pais a banir o MySpace. Adolescentes que foram obrigados a deixar o site estavam mais propensos a provir de famílias em que os pais monitoravam os comportamentos on-line de seus filhos, mas que não estavam no MySpace. Eles estavam menos propensos a ter irmãos, primos ou outros membros familiares presentes no MySpace. Em suma, os adolescentes que foram forçados a deixar o site tendiam a pertencer a meios mais privilegiados. A ausência deles fragmentou suas redes de amigos, reduzindo o valor do MySpace.

Em meio a isso, o MySpace não conseguiu resolver os problemas ocasionados por “spammers”<sup>7</sup> e “scammers”<sup>8</sup>. Os adolescentes começaram a receber investidas de “scammers” via solicitações de amizade, e suas contas começaram a ser hackeadas por conta de falhas de segurança, instauradas quando os usuários começaram a copiar e colar códigos de layout em formulários de perfil. Dada a sua preferência por perfis vibrantes e disposição para procurar tais códigos, os jovens estavam claramente vulneráveis. Em razão do pânico tecnológico difundido, muitos dos adolescentes que entrevistei e que haviam deixado o MySpace interpretavam esses ataques à segurança como prova da presença de predadores sexuais e de outras pessoas “estranhas”. Aqueles com redes de amigos já fragmentadas no MySpace estavam mais propensos a deixar o site.

O surgimento do Facebook acelerou esse processo. Muitos pais viam o Facebook como uma alternativa “segura” em relação ao MySpace, principalmente porque não era possível fazer um perfil realmente público. (Claramente, tornar um perfil visível para todos em uma região geográfica é semelhante a ser público.) Os adultos não viam no Facebook os mesmos indícios que os assustavam. Muitos reforçavam as diferenças raciais e espaciais ao menosprezar o MySpace e adotar o Facebook. Incontáveis adolescentes que não eram autorizados a utilizar o MySpace eram liberados para usar o Facebook – sobretudo os

<sup>7</sup> São indivíduos que enviam *spam* – vários e-mails ou outros tipos de mensagem –, geralmente contendo um vírus que infecta aparelhos e pode facilitar a obtenção de dados pessoais.

<sup>8</sup> Conhecidos como golpistas virtuais, são indivíduos que usam métodos ilegais para ganhar dinheiro, especialmente enganando outras pessoas.

jovens com amigos na faculdade adotavam o site com prontidão. Com uma alternativa disponível, muitos que duvidavam do MySpace e que tinham amigos que já haviam deixado o site optaram pela mudança.

Preocupações sobre o MySpace e a segurança foram disseminadas, mas as pessoas respondiam de jeitos variados a isso. Muitos adolescentes deixaram seus perfis como privados ou apenas para amigos, mas outros saíram ou foram forçados a sair por medo. Com a saída de todos eles, seus amigos estavam mais propensos a sair também, por causa da importância da coesão social. Muitos do que saíram foram para o Facebook. Os mesmos efeitos de rede que motivaram os adolescentes a se juntarem ao MySpace apressaram sua partida. Os que saíram antes não estavam distribuídos uniformemente pela rede. Os fatores que levaram ou forçaram alguns adolescentes a mudar e os fatores que os desanimaram a continuar no site afetaram mais certos grupos de adolescentes do que outros. Em resumo, jovens de origens privilegiadas estavam mais propensos a se afastar. Isso ajudou a criar as impressões que Anastasia e Craig descreveram.

## 6. MYSPACE: UM GUETO DIGITAL?

Uma maneira provocativa de refletir sobre o movimento em rede do MySpace para o Facebook é por meio do conceito “êxodo branco”. Esse termo se refere à saída das pessoas brancas dos centros urbanos estadunidenses para os subúrbios durante o século 20. Essa definição simples oculta as motivações raciais daqueles que se mudaram, a discriminação institucionalizada que impediu a partida de outras pessoas e as ramificações para cidades e relações raciais (Kruse, 2005). Muitos partiram para evitar a integração racial em comunidades e escolas. Nem todos poderiam se mudar. Embora os subúrbios fossem promovidos como parte do “sonho americano”, famílias não brancas eram frequentemente barradas, explicitamente, por conta de restrições étnicas em empreendimentos imobiliários ou indiretamente, por práticas de crédito discriminatórias (Massey; Denton, 1998). Os subúrbios eram demarcados para limitar moradias e aluguéis para pessoas de baixa renda e, assim, designavam os espaços apenas para quem poderia pagar

por eles. O que aconteceu em seguida foi a decadência urbana. Agências governamentais reduziram investimentos em comunidades urbanas, o despovoamento diminuiu o valor das propriedades e reduziu bases fiscais, e o desemprego aumentou, já que os empregos mudaram para os subúrbios. As cidades resultantes foram abandonadas ao descaso e o poder das gangues de rua cresceu. Mediante ao “êxodo branco”, as identidades raciais foram reelaboradas à medida que os espaços foram reconfigurados (Harris, 2007; Avila, 2004; Massey; Denton, 1998).

Dado o racismo formalizado e as restrições institucionalizadas que envolveram o êxodo branco urbano, rotular a mudança dos adolescentes do MySpace para o Facebook como “êxodo branco digital” pode parecer uma afirmação exagerada e problemática. Meu objetivo não é rejeitar ou desvalorizar a tragédia histórica que o racismo provocou em tantas cidades, mas oferecer um embasamento franco para esclarecer a reprodução das diferenças sociais em uma sociedade ainda marcada pelo racismo.

31 Considere esses paralelos: de certo modo, os primeiros adolescentes que se mudaram para os “subúrbios” eram aqueles que acreditavam no Sonho Adolescente da maturidade acadêmica da faculdade, sobretudo aqueles que claramente desejavam ir para universidades e faculdades baseadas em dormitórios. Eram a elite que recebeu um terreno nos novos subúrbios antes que os lotes estivessem, de fato, disponíveis. Os subúrbios do Facebook indicavam uma vida mais madura, completa com as cercas digitais que impediam a entrada de estranhos. A narrativa de que esses subúrbios digitais eram mais seguros que a cidade ressaltou o interesse por eles, particularmente para aqueles que não tinham interesse em interagir com pessoas diferentes. Alguns adolescentes mudaram por conta das convicções de seus pais. Os primeiros participantes incentivavam seus amigos a se reunirem com eles. Embora as restrições formais em relação a quem poderia entrar no site tenham sido interrompidas em setembro de 2006, os fatores desencorajadores sutis na rede não. Aqueles adolescentes cuja família e amigos estavam profundamente envolvidos com a cidade do MySpace não estavam tão dispostos a partir para os subúrbios.

Aqueles que deixaram a cidade, geralmente, deixavam os seus perfis abandonados e com frequência eles caíam em desuso, repletos de *spam*, uma forma de grafite digital. Isso contribuiu para a sensação de pavor, mas também acelerou a partida de seus vizinhos. Com o descaso do MySpace, os *spammers* tomaram conta do site como gangues de rua. O que resultou pode ser entendido como um gueto digital.

Evidentemente, o enquadramento do “êxodo branco” funciona apenas parcialmente, mas a metáfora oferece um plano de fundo fértil para abordar todos os tipos de linguagem que ouvi dos jovens. Ela também dá um rico embasamento para pensar no medo e pânico moral em torno do MySpace. O medo do risco e da percepção de segurança são notáveis em discussões sobre guetos. Muitos brancos fugiram da cidade acreditando que ela era repleta de crimes, imoral e, no geral, perigosa. Embora estrangeiros raramente sejam alvos de violência no centro da cidade, a percepção de perigo se espalhou, e os subúrbios são normalmente apresentados como a alternativa segura. O mesmo vale para o MySpace. Os medos em relação aos riscos do MySpace são, na melhor das hipóteses, exagerados e muitas vezes mal interpretados. Ainda assim eles são, sem dúvida, disseminados. Já a origem do Facebook como uma comunidade fechada e a crença dos pais de que o site era privado e totalmente monitorado refletem os mesmos valores proclamados nos subúrbios.

A segmentação da rede insinuada pelo “êxodo branco digital” também ajuda a explicar por que, dois anos depois, os meios de comunicação agiram como se o MySpace estivesse morto. Muito simples: jornalistas brancos, da classe média, não conheciam ninguém que ainda utilizava o MySpace. No dia 4 de maio de 2009, o The New York Times conduziu uma história mostrando que o uso do MySpace e Facebook nos Estados Unidos quase convergiu (com o Facebook ficando um pouco atrás do MySpace); o título do artigo era “Você conhece alguém que ainda usa o MySpace?”. Embora o artigo tenha indicado claramente que os visitantes únicos<sup>9</sup> eram aproximadamente iguais, a manchete indicava a divisão

9\_ Visitantes únicos, ou número de visitantes, é a quantidade de pessoas que visitaram o site, sem considerar a quantidade de vezes que elas o fizeram.

cultural. A equipe do The New York Times estava no Facebook e achava que os seus leitores também estavam. Esse artigo gerou 154 comentários de, provavelmente, leitores adultos. Alguns defenderam o MySpace, pontuando, principalmente, os seus atributos, a oportunidade de se conectar, e a relevância cultural para músicos e bandas. Muitos mais condenaram o MySpace, queixando-se sobre a interface do usuário, *spam* e sua desatualização. Entretanto, enquanto apenas dois admiradores do MySpace usaram uma linguagem condescendente para descrever o Facebook (“Facebook é muito infantil” e “Facebook é para quem vive no passado”), muitas críticas ao MySpace menosprezavam o site e seus usuários. Alguns focaram na percepção de que o MySpace estava carregado de comportamentos perigosos:

“O MySpace se tornou sinônimo de adolescentes hipersexuais, fora de controle, pessoas de 20 e poucos anos festejando loucamente, pessoas de uns 30 a 40 anos implorando por atenção, predadores sexuais à caça e, no geral, um comportamento irritante de um relativamente pequeno, mas altamente visível número de usuários.”

Outros usaram rótulos, estereótipos e uma linguagem desdenhosa para quem preferia o MySpace, geralmente sugerindo uma diferença baseada em classe:

“Minha impressão é que o MySpace é para a ralé e o Facebook, para a aristocracia.”

“Comparado ao Facebook, o MySpace parece a periferia – eu vou lá para me divertir, mas eu não gostaria de morar lá.”

“Na minha impressão, [o MySpace] é para pré-adolescentes, para o pessoal do ensino médio que escreve poesias ‘emo’ e para o proletariado. Uma vez que o ‘emo’ vai para faculdade, ele muda para o Facebook. O proletariado? Todo mundo sabe que eles nunca vão pra faculdade!”

Assim como aqueles que se mudaram para os subúrbios desprezavam aqueles que continuaram nas cidades, são os usuários do Facebook que menosprezavam os que preferem o MySpace. Isso é visível na atitude dos adolescentes que entrevistei, nas palavras desses comentaristas e nos adjetivos usados por uni-

versitários que Watkins (2009) entrevistou. A linguagem utilizada nesses comentários lembra a mesma linguagem usada durante os anos 80 para descrever os moradores da cidade: famílias disfuncionais, pervertidos e depravados, esquisitos e marginais, bandidos e classe trabalhadora. Fica subentendido que nenhuma pessoa decente teria motivo para viver na cidade ou no MySpace. Embora algumas pessoas que não usavam o MySpace fossem cruelmente críticas em relação ao site, outros simplesmente esqueciam que ele existia. Achavam irrelevante, acreditando que ninguém mais vivia por lá simplesmente porque ninguém que eles conheciam vivia.

Na medida em que algumas pessoas viam o MySpace como um gueto digital ou como lar de costumes culturais rotulados como gueto, o mesmo medo e racismo que sustentaram o êxodo branco em cenários urbanos estavam também presentes na percepção do MySpace. O fato de tantos adolescentes que deixaram o MySpace pelo Facebook justificarem que sua saída estava relacionada a atributos, estética ou rede de amigos não separa a ação de questões raciais e de classe. Ao contrário, a atitude deles em relação a indicadores estéticos e atributos específicos é moldada por suas experiências com raça e classe. Da mesma forma, as redes de amizade certamente levaram à autosegmentação, mas esses fatores também são moldados por raça e com certeza a mudança foi influenciada por isso. As explicações sobre suas decisões que os adolescentes me deram podem não ser, explicitamente, sobre raça, etnia ou classe, mas eles não podem se desvincular delas, assim como narrativas baseadas em medo sobre o “gueto” não podem ser levadas em consideração sem reconhecer raça, etnia e classe.

Em parte, a divisão na percepção e no uso do MySpace e Facebook parece óbvia, já que sabemos que os ambientes on-line são um reflexo da vida cotidiana. Entretanto, o fato de tais afirmações serem controversas destaca uma crença tecnoutópica difundida de que a internet irá erradicar a desigualdade e diferenças sociais de uma vez por todas. O que se desdobrou conforme os adolescentes adotavam o MySpace e Facebook sugere que esse não é o caso. Nem as redes sociais nem os seus usuários são dal-

tônicos simplesmente porque a tecnologia está presente. A internet espelha e amplia a vida cotidiana, tornando visíveis muitas das questões que esperávamos que desaparecessem, entre as quais raça e diferenças sociais baseadas em classe, na sociedade estadunidense.

## REFERÊNCIAS

ARNOLD, Rebecca. **Fashion, Desire and Anxiety: Image and Morality in the 20th Century.** Rutgers, NJ: Rutgers University Press, 2001.

AVILA, Eric. “Popular Culture in the Age of White Flight: Film Noir, Disneyland, and the Cold War (Sub)Urban Imaginary”. **Journal of Urban History**, 31(1): 3-22, 2004.

BONILLA-SILVA, Eduardo. **Racism Without Racists: Color-blind Racism and the Persistence of Racial Inequality in the United States.** Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 2003.

BOYD, danah. **Taken Out of Context: American Teen Sociality in Networked Publics.** Tese (Doutorado) - University of California, Berkeley, 2008.

BOYD, danah. “Why Youth (Heart) Social Network Sites: The Role of Networked Publics in Teenage Social Life”. In: BUCKINGHAM, David. (Ed.) **MacArthur Foundation Series on Digital Learning: Youth, Identity, and Digital Media Volume.** Cambridge, MA: MIT Press, p. 119-142, 2007b.

BOYD, danah. “Viewing American Class Divisions Through Facebook and MySpace.” **Apophenia**, June 24, 2007a. Disponível em: <<http://www.danah.org/papers/essays/ClassDivisions.html>>.

BOYD, danah; ELLISON, Nicole. Social network sites: Definition, history, and scholarship”. **Journal of Computer Mediated Communication**, 13(1), artigo 11, 2007. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>>.

BOURDIEU, Pierre. **Distinction: A Social Critique of the Judgment of Taste.** Cambridge: Harvard University Press, 1987.

BYRNE, Dara. "The Future of (the) 'Race': Identity, Discourse, and the Rise of Computer-mediated Public Spheres". In: EVERETT, Anna. (Ed.) **MacArthur Foundation Series on Digital Learning** – Learning Race and Ethnicity Volume. Cambridge, MA: MIT Press, p. 15-38, 2008.

CRANE, Diana. **Fashion and Its Social Agendas: Class, Gender, and Identity in Clothing**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 2000.

DONATH, Judith. "Signals in Social Supernet". **Journal of ComputerMediated Communication**, 13(1): artigo 12, 2007. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/donath.html>>.

DONATH, Judith; BOYD, danah. "Public Displays of Connection". **BT Technology Journal**, 22(4): 71-82, 2004.

ECKERT, Penelope. **Jocks & Burnouts: Social Categories and Identity in the High School**. New York: Teacher College Press, 1989.

FORMAN, Murray. **The 'Hood Comes First: Race, Space, and Place in Rap and Hip-Hop**. Middleton, CT: Wesleyan University Press, 2002.

GAINES, Donna. **Teenage Wasteland: Suburbia's Dead End Kids**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1998.

HARE, Breanna. "Does class decide online social networks?" **CNN**, 24 out. 2009. Disponível em: <<http://www.cnn.com/2009/TECH/10/24/tech.networking.class/>>.

HARGITTAI, Eszter. "Whose space? Differences among users and non-users of social network sites" **Journal of Computer-Mediated Communication**, 13(1), artigo 14, 2007. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/hargittai.html>>. Acesso em: 3 abr. 2017.

HARRIS, Dianne. "Clean and White and Everyone White" In: HARRIS, D.; RUGGLES, F. (Eds.). **Sites Unseen: Landscape and Vision**. Pittsburgh, PA: University of Pittsburgh Press, 2007.

HEBDIGE, Dick. **Subculture: The Meaning of Style**. London: Routledge, 1979.

KRUSE, Kevin. **White Flight: Atlanta and the Making of Modern Conservatism**. Princeton, NY: Princeton University Press, 2005.

LAM, Chuck. "Examining MySpace Usage by High School" **Data Strategy**,

September 19, 2007b. Disponível em: <<http://datastrategy.wordpress.com/2007/09/19/examining--myspace--usage--by--high--school/>>.

LAM, Chuck. "Analyzing Facebook Usage by High School Demographic" **Data Strategy**, September 14, 2007a. Disponível em: <<http://datastrategy.wordpress.com/2007/09/14/analyzing--facebook--usage--by--high--school--demographic/>>.

LIU, Hugo. "Social Network Profiles as Taste Performances" **Journal of ComputerMediated Communication**, 13(1), artigo 13, 2007. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/liu.html>>.

MARWICK, Alice. "To Catch a Predator? The MySpace Moral Panic" *First Monday*, 13(6): artigo 3, 2008.

MASSEY, Douglas; DENTON, Nancy. **American Apartheid: Segregation and the Making of the Underclass**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1998.

McPHERSON, Miller; SMITH-LOVIN, Lynn; COOK, James. "Birds of a Feather: Homophily in Social Networks" **Annual Review of Sociology**, 27: 415-444, 2001.

MILNER, Murray Jr. **Freaks, Geeks, and Cool Kids: American Teenagers, Schools, and the Culture of Consumption**. New York: Routledge, 2004.

MOODY, James. "Race, School Integration, and Friendship Segregation in America" **American Journal of Sociology** 107 (3), 679-716, 2001.

NAKAMURA, Lisa. **Digitizing Race: Visual Cultures of the Internet**. Minneapolis: University of

Minnesota Press, 2008.

PERRY, Pamela. **Shades of White: White Kids and Racial Identities in High School**. Durham, NC: Duke University Press, 2002.

POLLOCK, Mica. "Race Bending: 'Mixed' Youth Practicing Strategic Racialization in California" In: SUNAINA, Maira; SOEP, Elisabeth (Eds.). **YouthScapes: The Popular, the National, the Global**. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 2005.

SHANKAR, Shalini. **Desi Land: Teen Culture, Class, and Success in Silicon Valley**. Durham, NC: Duke University Press, 2008.

SHROCK, Andrew; BOYD, danah. "Online Threats to Youth: Solicitation, Harassment, and Problematic Content". In: Palfrey, John; SACCO, Dena; BOYD, danah (Eds.). **Enhancing Child Safety & Online Technologies**. Durham: Carolina Academic Press, 2009.

TATUM, Beverly. **'Why Are All the Black Kids Sitting Together in the Cafeteria' and other Conversations About Race**. New York: Basic Books, 1997.

THORNE, Barrie. "'The Chinese Girls' and 'The Pokémon Kids': Children Negotiating Differences in Urban California" **Figuring the Future: Globalization and the Temporalities of Children and Youth**. Santa Fe, NM: SAR Press, 2008.

THORNE, Barrie. **Gender Play: Girls and Boys in School**. Rutgers University Press, 1993.

THORNTON, Sarah. **Club Cultures: Music, Media, and Subcultural Capital**. Cambridge: Polity Press, 1995.

WACQUANT, Loic J.D. "Three Pernicious Premises in the Study of the American Ghetto" **International Journal of Urban and Regional Research**, 21(2): 341-353, 1997.

WATKINS, S. Craig. **The Young & the Digital: What the Migration to Social- Network Sites, Games, and**

Anytime, Anywhere Media Means for Our Future. Boston, MA: Beacon Press, 2009.

WILLIS, Paul. **Learning to Labor: How Working Class Kids Get Working Class Jobs**. New York: Columbia University Press, 1981.

Recebido\_20 de junho de 2016

Aprovado\_15 de julho de 2016